



O CAMPONÊS

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

100 NÚMEROS AO SERVIÇO DA LUTA DOS QUE TRABALHAM A TERRA

O aparecimento de «O CAM—PONÊS» em Maio de 1946, significou um grande acontecimento na luta dos trabalhadores do campo. A partir de então, os operários agrícolas, os pequenos e médios camponeses, passaram a dispor do seu órgão próprio, de um orientador e forjador da sua unidade.

O aparecimento de «O CAM—PONÊS» está ligado à intensificação das lutas nos campos, à necessidade de fazer chegar ao maior número possível de trabalhadores do campo uma orientação justa para a sua luta.

Há 17 anos que «O CAMPO—NÊS» se publica. Apesar da falta de liberdade existente no país, o fascismo nunca conseguiu impedir a sua publicação e distribuição no seio das massas.

Esta importante vitória só foi possível com o esforço e dedicação

que muitos amigos lhe dedicaram. «O CAMPONÊS» faz parte do conjunto da imprensa patriótica, que na mais rigorosa clandestinidade leva ao povo a voz da verdade, o orienta e mobiliza para a luta contra o fascismo, pela paz e a liberdade.

Muitas lutas dos trabalhadores do campo estão ligadas ao «O CAMPONÊS». Chamando à luta, esclarecendo e orientando os trabalhadores nas suas lutas, o nosso jornal ligou o seu nome às grandes lutas que as massas dos campos do Sul têm travado, tornando-se um guia reconhecido pelo povo.

As grandes concentrações em Redondo, Pias, Viana do Alentejo, Coruche, em 1949, reivindicando as 8 horas; as greves de 4.000 assalariados de Pias e Vale de Vargo em 1952, as greves e concentrações de 1953 que mobiliza-

ram mais de 60.000 assalariados; as greves de 1958 contra a burla eleitoral, as grandes lutas pela conquista das 8 horas em 1962 e muitas e muitas outras, pequenas e grandes lutas, tiveram o apoio e orientação de «O CAMPONÊS».

Ao mesmo tempo que chama as massas à luta em defesa dos seus interesses, «O CAMPONÊS» aponta a todos os trabalhadores do campo o caminho para a conquista de um futuro radioso, sem miséria e opressão, o caminho da unidade, da organização e acção combativa do povo, pela conquista das nossas reivindicações, pelo fim do fascismo e a instauração de uma verdadeira democracia.

«O CAMPONÊS» prosseguirá na rota traçada. Ele precisa do auxílio de todos os seus amigos, auxílio financeiro, colaboração, etc. Precisa de ser largamente difundido no seio das massas camponesas. Estamos certos que este auxílio não será negado; «O CAMPONÊS» é o jornal dos que trabalham a terra e para os que trabalham a terra.

«O CAMPONÊS» SAUDA TODOS OS SEUS OBREIROS

Como todos os jornais, «O CAMPONÊS» tem a sua história. Ao falar-se desta história não se pode deixar de falar dos seus obreiros, de todos aqueles que possibilitaram a existência de «O CAMPONÊS».

Francisco Miguel e Helena Magro, são dois nomes que ficarão para sempre ligados à história do nosso jornal. Foram eles que em Maio de 1946 fizeram sair o primeiro número, na altura, a cópiógrafo. Desde então o nosso jornal percorreu um longo caminho.

QUEM SÃO OS FUNDADORES DE «O CAMPONÊS»

Francisco Miguel, nasceu em Baleizão no ano de 1907. Desde muito cedo se entregou à luta do nosso povo pela liberdade, por uma vida livre de opressão. Pela sua acção em defesa dos interesses das massas trabalhadoras, foi várias vezes preso pelos fascistas. Mais de 20 anos passou-os na cadeia. A sua vida, quer na cadeia quer em liberdade é um exemplo de firmeza, de dedicação sem limites à causa dos oprimidos.

Helena Magro era estudante de Direito, quando em 1946 passou à clandestinidade. Desde então, até à sua morte em 1956, toda a sua vida foi dedicada à luta do nosso povo. Com a morte de Helena Magro, o nosso povo perdeu mais um combatente devotado.

Os fundadores de «O CAMPONÊS» com o seu exemplo de firmeza, de honradez, de dedicação sem limites à causa da liberdade inspiraram e continuam a inspirar toda a nossa acção.

Ao longo destes 17 anos, a publicação do nosso jornal, só foi possível porque muitos homens e mulheres, desde os tipógrafos aqueles que o levam às massas, o defenderam e lhe deram uma preciosa ajuda.

Para todos eles, vão as mais sinceras saudações e homenagem de «O CAMPONÊS», jornal ao serviço da unidade e da luta de todos aqueles que trabalham a terra.

GLÓRIA AOS NOSSOS MÁRTIRES

Na nossa luta defrontamos um inimigo cruel e sanguinário, que não recua diante qualquer crime para se manter no poder.

O salazarismo é o regime dos grandes monopólios e latifúndios que oprime e explora todo o resto do povo português.

Sempre que o povo se ergue em defesa dos seus interesses exigindo liberdade, melhores condições de vida, etc, o fascismo põe em acção o seu aparelho repressivo, para que os interesses dos exploradores não sejam afectados.

Através duma luta perseverante e firme, temos conseguido importantes vitórias na luta contra a opressão. Em muitas destas lutas foi derramado o sangue dos trabalhadores.

«O CAMPONÊS» nesta data



CATARINA EUFÉMIA

importante da sua vida não pode deixar de lembrar e prestar homenagem a todos aqueles que tombaram na luta, vítimas da repressão fascista.

No dia 19 de Maio de 1954, a JNR, assassinou a tiro, a operária agrícola de Baleizão, Catarina Eufémia, quando, junto com suas companheiras de trabalho reivin-

dicava melhores jornadas.

A 25 de Junho de 1958, foi morto a tiro pela GNR, o operário de Montemor-o-Novo, José Adelino dos Santos, quando junta noite com o povo da terra; protestava contra a burla eleitoral que levou Américo Tomás ao poder.

António Patuleia, operário agrícola de S. Romão e Alfredo Lima operário de Alpiarça foram também assassinados. O primeiro pela PIDE em 1947 e o segundo pela GNR local, quando com seus companheiros de trabalho lutava por melhores jornadas.

A 9 de Junho de 1945 foi espancado até à morte pela PIDE e GNR no Posto de Montemor-o-Novo, o operário da construção



JOSÉ ADELINO DOS SANTOS

civil Germano Vidigal, também dirigente do sindicato da sua classe. Embora Germano Vidigal não fosse operário agrícola, a sua morte selou a unidade dos operários e camponeses.

A morte dos nossos companheiros de luta jamais será esquecida.

(continua na 2ª pag.)

SAUDAÇÕES

O Organismo Regional do Alentejo do Partido Comunista Português saúda o «O CAMPONÊS», Órgão de Unidade dos Camponeses do Sul, pela publicação do seu número 100. Ao fazê-lo queremos salientar que «O CAMPONÊS» tem desempenhado um grande papel na luta em defesa dos interesses dos trabalhadores da terra, desde há 17 anos, altura em que foi fundado. Saudamos igualmente o seu fundador e grande obreiro, o camarada Francisco Miguel e prestamos sentida homenagem à memória de Helena Magro também sua fundadora, assim como, a todos os que dia e noite, ao sol e à chuva, sob a mais cruel perseguição, correndo todos os riscos, souberam defender a sua continuação, o levaram a todos os seus leitores, ajudando e orientando a luta que as massas do campo travam à longos anos.

Pela nossa parte, queremos afirmar que tudo faremos para sermos dignos continuadores dos seus fundadores, para que «O CAMPONÊS» continue o seu caminho na luta pela defesa dos interesses dos camponeses e de todos os que da terra vivem honradamente, e para que se realize num curto espaço de tempo, a grande aspiração dos camponeses o derrubamento do fascismo e a instauração de um governo democrático que realize uma reforma agrária que entregue a terra a quem a trabalha.

Saúdo-te querido jornal «O CAMPONÊS», Órgão de Unidade dos Camponeses do Sul, porta-voz querido dos que a trabalham a

terra, pela publicação do teu número 100.

Saúdo-te pela orientação e ajuda que nos tens prestado para podermos prosseguir na luta firme que travamos pelas nossas reivindicações e contra os exploradores; saúdo igualmente o grande obreiro de «O CAMPONÊS», o camarada Francisco Miguel e presto homenagem à memória da nossa querida amiga Helena Magro, assim como, aos camaradas tipógrafos, à sua Direcção e a todos aqueles que se esforçam para o fazer chegar aos seus leitores.

Faço votos para que muitos números sejam publicados sem interrupção e pela rápida passagem de «O CAMPONÊS» à legalidade.

LONGA VIDA QUERIDO JORNAL.

Uma camponesa do Alto Alentejo.

Ao dirigirmos a nossa Saudação ao «O CAMPONÊS» pela passagem do seu número 100, fazemo-lo cheios de amor, obrigação e carinho para com aquele que nos tem ajudado a esclarecer para nos defendermos da desenfreada exploração que os grandes agrários nos fazem à longos anos. Foi com a sua ajuda que nós, operários agrícolas, conquistámos as 8 horas de trabalho. Pena é que uma grande parte dos operários nos os camaradas não tivessem ainda compreendido suficientemente a grande tarefa que «O CAMPONÊS» desempenha na defesa dos interesses do povo.

(continua na 2ª pag.)



Montijo—Na herdade do Rio Frio, os trabalhadores do arroz trabalhavam a prêmio. Ao fim de dois dias de iniciados os trabalhos apareceu o engenheiro José Lupi a querer que realizassem o mesmo trabalho dos dias anteriores, mas sem o prêmio.

Os trabalhadores protestaram contra esta roubalheira e começaram a fazer «cera». Os capatazes ameaçavam com a GNR, mas sem êxito: a «cera» continuava. Então, apareceu o sr. Lupi, convencido de que com as ameaças de chamar a GNR os trabalhadores se intimidavam e davam o que ele queria — mais rendimento. Enganou-se os trabalhadores, indignados, foram-se a ele, viraram-lhe o jeep e espancaram-no, dizendo que não aceitavam o regime de trabalhos forçados.

Estê miserável chamou a GNR, que prendeu 15 trabalhadores.

Trabalhadores de Rio Frio! Vós trabalhais para um dos maiores agrários, o Samuel S. Jorge que possui muitos milhares de hectares de terra. E ta fortuna só é possível existir à custa da exploração dos trabalhadores e da protecção que o salazarismo dá a todos os agrários. Só o derrubamento do fascismo e a instauração dum governo democrático que re faça uma Reforma Agrária, que entregue a terra a quem a trabalha, pode acabar com a vossa situação de miséria.

Tavira — Trabalhadores do campo dos arredores da cidade reivindicaram e conseguiram, após uma greve, aumento de salário de 2500.

Alcácer do Sal — Na herdade da Gachinha por conta do rendeiro Vítor Vacas trabalhava um rancho de homens e mulheres na ceifa do arroz. Como o patrão

lhes faltasse com o horário que tinham combinado, largaram o trabalho e exigiram-lhe as condições combinadas, o que foi forçado a fazer.

Pias — Aqui, 6 homens que trabalhavam na herdade dos Alpendres por conta do agrário Ascensão Cabral abandonaram o trabalho por este ter bajinado a jorna de 25 para 2000.

Um outro rancho de 30 mulheres trabalhava por conta do José Rodrigues na apanha do grão, com o horário de 7 horas e a jorna de 14\$00. Passados alguns dias o agrário resolveu que elas trabalhassem 8 horas pelos mesmos 14\$00. Em vistas disso elas abandonaram o trabalho, recusando-se a trabalhar nestas condições. O agrário foi falar a um rancho de Vale de Vargo, mas as trabalhadoras desta terra exigiram-lhe 15\$00 e o horário de 7 horas, o que foi forçado a dar.

Montemor-o-Novo — Um negociante de Lisboa contratou 15 homens por 8 semanas, com a jorna de 45\$00 e o horário de 8 horas, para um corte de pinheiros perto de Azeitão. Passadas duas semanas, porque encontrou ranchos dispostos a trabalhar de sol a sol, despediu-os. Os trabalhadores foram junto dele protestar e exigiram o cumprimento do contrato. Como ele mantivesse a mesma posição, os trabalhadores foram junto do Tribunal de Trabalho, exigindo a intervenção deste organismo. Corre um processo contra o patrão.

GLÓRIA AOS NOSSOS MÁRTIRES

(continuação da 1.ª pag.)

Não vem longe o dia em que o povo Português pedirá contas aos assassinos.

Ao prestarmos homenagem aos nossos mártires queremos afirmar que permaneceremos fieis à sua memória e que tudo faremos para reforçar e alargar a nossa luta contra a opressão e exploração.

Trabalhadores do Campo! Intensifiquemos a nossa luta contra o fascismo. Através da luta firme e organizada, o nosso povo escorraçará do poder, os seus inimigos. Esta será a melhor homenagem que o povo português prestará a todos aqueles que verteram o seu sangue, para que Portugal seja um país livre.

Oiça A Rádio

RÁDIO PORTUGAL LIVRE, emissora Portuguesa ao serviço do Povo, da Democracia e da Independência Nacional, transmite diariamente das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 33, 40 e 43 metros.

Aos domingos **RÁDIO PORTUGAL LIVRE** transmite um emissão especial das 12 às 12,30 nas ondas de 19, 20, 25 e 26 metros, inteiramente dedicada aos trabalhadores do campo.

Esta emissão é uma poderosa ajuda à luta de todos os que trabalham a terra.

SÓ A REFORMA AGRÁRIA RESCOPERÁ OS PROBLEMAS DA AGRICULTURA PORTUGUESA

(continuação da 1.ª pag.)

Ao saudarmos «O CAMPO-NÊS», saudamos todos os camaradas que tornaram possível a sua continuação.

Viva a unidade dos trabalhadores do Sul.

3 operários agrícolas.

Três operários agrícolas do concelho de Montemor saudam a passagem do número 100 de «O CAMPONÊS». «O CAMPONÊS»

é um jornal que todos os trabalhadores recebem com carinho, é um jornal que tem dedicado toda a sua vida à luta do povo na defesa dos direitos humanos. Nele não entra o lápis encarnado da censura salazarista.

Daqui te saudamos querido jornal e a todos os camaradas que nele têm trabalhado e contribuído para a sua existência.

Temos confiança que «O CAMPONÊS» continuará a desmascarar o fascismo até à libertação do povo.

VIVA «O CAMPONÊS»

Quatro pequenos rendeiros do distrito de Portalegre saúdam calorosamente «O CAMPONÊS» pela passagem do seu centésimo número.

«O CAMPONÊS», jornal de todos os trabalhadores portugueses, tem sabido esclarecer todos os operários e pequenos rendeiros agrícolas desmascarando o fascismo e orientando o povo na luta pelos direitos do homem.

Por isso nós, pequenos rendeiros, estamos conscientes que «O CAMPONÊS» continuará a esclarecer o nosso povo até ao final da ditadura fascista.

VIVA «O CAMPONÊS»

Pela passagem do Nº 100 de «O CAMPONÊS» enviamos as nossas saudações a este jornal que tão bem tem sabido acusar os abusos e violências salazaristas e bem alto tem erguido a voz pelos interesses do povo português. Hoje a vida é dura, mas temos a certeza de um amanhã de paz, igualdade e justiça. Nós, os estudantes, estamos convosco.

Unidos lutaremos por um futuro que será de todos nós.

VIVA «O CAMPONÊS»

Dois estudantes.

Campanha De Auxilio Para «O Camponês»

Amigos! O nosso jornal precisa do auxilio material de todos os seus amigos. Com a publicação do número 100, «O CAMPONÊS» lança um apelo para uma campanha de 10 contos em 6 meses. Esta campanha deve terminar em Maio de 1964, mês do aniversário de «O CAMPONÊS».

Que os nossos leitores e amigos nas diversas terras constituam grupos de auxilio, que organizem diversas iniciativas (recolhas de fundos, pescarias, venda de objectos, etc.) com vistas à campanha em honra do número 100. Estamos certos que todos nos ajudarão.

Avante pela recolha dos 10 contos. Publicamos hoje algumas rubricas recebidas.

Liberdade para «O CAMPO-NÊS»..... 190\$00
Lutemos pelo C.C. de T..... 200\$00
Para a Reforma Agrária... 30\$00
Pela Reforma Agrária..... 10\$00
Um camponês amigo..... 15\$00
" " "..... 20\$00
Total..... 465\$00

«O Camponês» Saúda O 50º

ANIVERSÁRIO DE ALVARO CUNHAL

Alvaro Cunhal, Secretário Geral do Partido Comunista Português, comemorou no dia 10 de Novembro o seu 50º aniversário.

Alvaro Cunhal é o mais destacado dirigente da luta do nosso povo pela Liberdade, a Paz e a Democracia. Dos seus 50 anos, 32 foram inteiramente dedicados à luta pelo triunfo dos ideais da classe operária.

Várias vezes preso pelos fascistas, Alvaro Cunhal passou 13 anos

na cadeia, mas, sempre que ganhava a liberdade, ocupava o seu posto nas primeiras fileiras da luta. Hoje, na União Soviética, livre das garras da PIDE, Alvaro Cunhal continua a ocupar o primeiro posto na luta nacional anti-fascista.

«O CAMPONÊS», certo de expressar o sentir das milhares trabalhadoras do campo, saúda este abnegado dirigente da classe operária portuguesa e deseja-lhe longa vida.

AS MULHERES COMPONESAS

Nós operárias agrícolas, somos vítimas duma brutal exploração, em muitos casos mais do que os nossos companheiros de trabalho. Muitas vezes, mesmo fazendo um trabalho igual, recebemos somente metade ou dois terços do salário. Somos forçadas a fazer trabalhos violentos e muitas vezes com a saúde arruinada, mas temos de trabalhar e ajudar os nossos a ganhar o pão de cada dia.

Levamos uma vida cheia de miséria e preocupações, muitas vezes trabalhamos longe de casa e se há filhos, temos que os levar nos braços, pois não temos com quem os deixamos. No trabalho somos forçadas a deixá-los ao abandono, ao frio, à chuva, sem comer e sem limpeza até chegar a hora das nossas refeições para lhe podermos dar um pouco de conforto. Quando os não levamos para o trabalho, ficam em casa entregues aos irmãos que, por vezes não têm entendimento para cuidar deles próprios.

Mas as nossas preocupações são muitas mais; são as tarefas domésticas; é o querermos alimentar, vestir e calçar a família e o dinheiro não chegar para o fazer; é o problema do desemprego que é uma preocupação constante de cada dia e mesmo quando trabalhamos vivemos na incerteza do dia de amanhã.

Isto acontece porque está no poder um governo fascista que à 37 anos sacrifica o povo, um governo que somente serve os interesses dos grandes monopolistas e agrários; um governo que nada tem feito para servir os interesses da nação e do seu povo. Se queremos modificar esta situação, temos de dar a nossa contribuição, lutando activamente ao lado dos nossos companheiros de trabalho, pelo

derrubamento do fascismo e a instauração de um governo democrático, que sirva os interesses da nação e do povo.

Nós mulheres do campo, como as demais mulheres portuguesas demos já belas provas de firmeza e coragem na luta contra o fascismo. Catarina Enfêmia é um símbolo da luta das mulheres do campo contra os opressores, que nos deve guiar. Apesar de tudo, muito temos ainda a fazer. É preciso ganhar força tanto mais que a situação exige redobrados esforços para pôr fim à ditadura fascista.

A unidade e a organização, é uma arma poderosa de que dispomos para lutar activamente por melhores salários e condições de trabalho; pela protecção à infância; pelo direito à maternidade; contra a carestia da vida; pelo barateamento dos géneros de primeira necessidade; pela solução do problema da habitação; contra a guerra colonial e pela paz.

Onde quer que nos encontremos, nos ranchos, nos mercados, nas aldeias, nos lavadouros etc, discutamos em conjunto os problemas que mais nos afligem e lutemos pela sua solução. Façamos concentrações junto das casas do Povo e autoridades, exigindo trabalho e melhores salários. Organizemos marchas de fome, exigindo pão para os nossos filhos, mostrando abertamente o nosso descontentamento contra a actual situação.

Será através destas e outras luta que se criarão as condições para o levantamento em massa da nação que porá fim à ditadura fascista no nosso país.

(Uma camponesa)